

## Prefácio a *Racismo no Brasil e afetos correlatos*

Marcos Fabrício Lopes da Silva\*

Em *Racismo no Brasil e afetos correlatos* (2013), Cidinha da Silva oferece perspectivas plurais, por meio de um labor textual que visa contemplar *situações-encruzilhadas* de mundo. Ao se deparar com a condição humana de *sujeito-dilema*, a escritora enaltece a virtude presente neste sentido existencial. Negá-lo seria enclausurar a subjetividade própria e alheia, salienta Cidinha da Silva, por meio de uma *literatura percussiva*, cuja *textura-atabaque* faz entoar *palavra-ações*, que ao mesmo tempo, embalam e abalam os sentidos do público-leitor. Assim, o livro de Cidinha da Silva também se revela como *poética da repercussão*. Nela, um *ritmo dançante* se faz presente. Trata-se aqui de uma musicalidade capaz de exprimir o *fino da alteridade*. Essa importante percepção do *outro* como constituinte do *eu* se revela em timbres graves e suaves, aos quais Cidinha da Silva empresta voz *afinada*. Na roda viva das palavras, a nossa contadora de histórias melhora o silêncio com *cantos em prosa* para ouvidos de fino trato.

São muitos os assuntos *matutados* por quem faz questão de digerir os fatos, apreciando cada um dos seus nutrientes, sem entrar na pressa cavalgar que devora o mundo hegemonicamente. “Serena o grito burro dos que não querem perder anéis! Eu, guardador de águas, ainda não aprendi a ser rio”, proclama, com *sabedoria-griot*, a escritora, que defende o aprendizado continuado e fluente proporcionado pela inteligência e pela sensibilidade como forma de desarticular a ignorância e o embrutecimento que tomam conta de sujeitos alienados e prepotentes. Cidinha inventa cada achado filosófico interessante em meio a perdidos ideológicos medíocres que impregnam tantas opiniões e pontos de vista. A autora faz questão de beber na fonte das primeiras intenções e não das primeiras impressões. Ela sugere um jeito dialético e delicado de compreender as situações de crise. Notável exemplo desta postura crítica se encontra na análise da derrota do lutador Anderson Silva:

Naquela manhã você tombou, mas continuou grande, como sempre foi, porque caiu com dignidade, jogando o jogo dentro da regra. Sucumbiu à escolha da estratégia errada e à precisão do oponente. Pronto, nada mais. Para os urubus, entretanto, foi prato cheio. Quiseram fazer do Spider uma vítima do Anderson. Bestas ignaras, não sabem que o risco quando dá certo traz alegria, quando dá errado, sabedoria. E você sabe aprender, malungo. Passado o susto do nocaute, te convido a vir conosco, Anderson. Vem ouvir Cauby e Cavalão-marinho.

Atando as *duas pontas* de diferentes textos, “os urubus” e as “bestas ignaras” são de uma espécie predatória, composta “dessa gente que perde os dedos, mas mantém os anéis”. Estas expressões de linguagem, na escrita de Cidinha da Silva, se situam em uma arrojada atmosfera semântica. O aspecto mais relevante da semântica criativa reside na formação de significações marginais, que violam as associações verbais habituais, denominada de “ambiguidade significativa”, segundo o formalista russo Boris Ejchenbaum. Inspirada nestas “significações marginais”, Cidinha da Silva saboreia os leitores com uma formulação conceitual humorada e inteligente: trata-se, por exemplo, do “sociologuês”. Presente no programa global *Esquenta* e seus inúmeros derivados, ressalta a escritora, o sociologuês “é a mudança conservadora, a transformação pelo alto, velha conhecida”. Em outras

palavras, partindo do melhor que há em nossa fortuna metafórica de cunho popular: “é o ponto de mutação em que a Coca se revela Fanta”. Ou seja, conforme o parecer lúcido de Cidinha da Silva: “a diversidade torta”, apresentada no programa de Regina Casé, revela “a miscigenação subordinada, a mistura, nome popular e contemporâneo que até hoje não conseguiu provar sua efetividade para os pretos, tampouco diminui os privilégios dos brancos”. A cronista, com bom humor, aproveita a oportunidade para fazer um pedido ao garçom: “nem Coca, nem Fanta, uma garapa, por favor”. Uma garapa: bem mais saborosa do que “uma boa média”.

À luz de importante questão racial e étnica, faz-se imprescindível compreender como se comportam o preconceito e a discriminação racial. Cidinha da Silva, com precisão, assim os define:

O preconceito e a discriminação racial são parte de um todo chamado racismo, um sistema ideológico espreado e arraigado em instituições e corações, que esvazia da humanidade seus alvos, os serviliza e constrói privilégios para aqueles que exercem o poder. O preconceito racial, então, diferente de outros tipos de preconceito, motivados hipoteticamente pelo desconhecimento, está a serviço da manutenção de um sistema de poder, de exploração que, no Brasil, tem cristalizado o lugar de mando dos brancos em detrimento dos negros. A discriminação racial, por sua vez, é o braço ativo do racismo, é o que define a eficácia de seu *modus operandi*.

Desse modo, adverte Cidinha da Silva que mistura sem envolvimento ainda é muro, longe de representar a tão sonhada ponte, simbolizando a convivência respeitosa e pacífica entre os sujeitos. Quem se afirma negando o outro pensa que chicote é argumento. “Não dá para fugir dessa coisa de pele”, já diria o poeta-músico Jorge Aragão, com a ironia dos inteligentes. Cidinha da Silva reforça essa tese, afirmando que muitos, no Brasil, vêm fugindo desta questão fundamental.

A escritora reflete, em seus textos, o empenho político das comunidades negras, voltado para viabilização de medidas formais e atitudes maduras em respeito à diversidade. Diversidade que precisa ser compreendida como direito de sermos iguais, quando a diferença nos inferioriza, e o direito de sermos diferentes, quando a igualdade nos descaracteriza. Esta plataforma de princípios fundamentais também se faz presente nos movimentos coletivos em prol de grupos subalternizados, tais como mulheres, homoafetivos e indígenas, como bem destaca a autora. Racismo, machismo e homofobia são práticas inaceitáveis que violam a saudável dinâmica plural que rege as identidades individuais e coletivas, bem como seus estilos de vida e suas formulações culturais.

Cidinha da Silva busca, com os seus textos, desarmar as blindagens impostas por aqueles que desprezam o outro e conduzem as suas identidades de forma arrogante e amarga. Trata-se de uma escrita empenhada na defesa da alteridade sincera como virtude essencial. Ao brindar a existência na essência plural, a cronista abraça Eva Oléria e Poli Preta, respectivas mãe e namorada da cantora-diva Ellen Oléria, que ajudam a protagonizar a subjetividade negra e homoafetiva de maneira ímpar: “era como se limpasse com amor os corações turvos que nos apedrejam e apertam gatilhos, nos impedem de viver, nos matam”. Na conclusão desta crônica elogiosa às personalidades em destaque, é emocionante a solução *estética* encontrada por Cidinha da Silva, ao propor uma descrição cinematográfica – digna do olhar onírico de um Akira Kurosawa – referente ao episódio tornado ilustre, graças a uma subjetividade apurada capaz de captá-lo:

Enquanto isso, no Parque da Cidade, a mais budista entre os Orixás sacode as árvores e as saias, nos lembra da transitoriedade do corpo, da impermanência das coisas, transpõe a morte e nos devolve a alegria. Quanto a ti, Pedro, que és pedra e sono, resta contemplar o bambuzal em lúdica esgrima com a Senhora dos ventos.

A educação sentimental também se faz presente nos conselhos amorosos de nossa prosadora, no bom sentido *nelsonrodrigueano*, isto é, sem moralismo e ar professoral:

Ter o ego ferido é algo que nos enlouquece, dilacera o orgulho, mortifica a vaidade. Quando você ama uma pessoa profundamente, alguém que nunca te amou tanto assim, você sabe, sabia, mas digamos que o amor dela te bastasse, afinal você amava demais, amava pelas duas, você quer que o amor se realize a qualquer custo. Você ainda ama e se ilude ao achar que seu amor é grandioso e superior, a ponto de contaminar a amada. Contaminará nada! Ela quer se ver livre de você, do seu amor pegajoso, sufocante, e o que ela faz? Diz que tudo não passou de um grande equívoco, você foi um ombro amigo. Letal! Transfigurar-se em ombro amigo é letal para qualquer ego vivo!

Cada um só é feliz com o outro e só nele se encontra como um ser pleno. É preciso o abraço que nos faça sentir inteiros. Assim explica Cidinha da Silva, a partir de um *romantismo visceral*, o amor como um apelo. O amor é comunhão, desejo de absoluto, procura de completude, vontade de abraçar o infinito. Só o outro nos faz sentir fortes e em paz. A razão fria tende a desprezar o amor e decompô-lo em ilusão e loucura. Mas o amor também é sabedoria, energia, partilha e plenitude. Quem ama quer se dar. Sua magia faz parte da música da vida, de nossos desejos, nossa aposta, nossa incerteza, nossos erros e nossos medos; nos torna fortes e frágeis, ousados e desprotegidos. A cronista assim mostra que a dinâmica básica do ser humano é o *pathos*, o sentimento, o cuidado, a lógica do coração. Mais do que o cartesiano *cogito ergo sum*: penso logo existo, vale o *sentio ergo sum*: sinto, logo existo. Até porque, por trás do animal racional, que está com a faca e o queijo na mão, encontra-se o animal sentimental, movido pela fome.

Avanços e retrocessos afetivos e comportamentais ganham análise profícua no livro de Cidinha da Silva. Entre os romances e novelas que marcam as páginas da vida, a cronista mostra as máscaras nas linhas e a verdade entre as linhas confeccionadas pela teledramaturgia brasileira. Por exemplo, foi reforçado em uma novela global de grande sucesso o estereótipo dirigido à população em favelas: “a autora de *Salve Jorge* está esculachando a favela. Poxa, é uma moçada jovem que não trabalha, não estuda e só tem quatro ou cinco tipos de ações: batem perna, batem boca e gritam, postam coisas na internet, toma sol na laje e dançam, do funk ao pagode. De quebra, fecham com o pessoal do movimento e planejam subir na vida arrumando marido rico”. Em contrapartida, na opinião de Cidinha da Silva, *Lado a lado* foi um marco novelístico para o reconhecimento dos feitos da comunidade negra no Brasil. O casal Zé Maria e Isabel, interpretados respectivamente, por Lázaro Ramos e Camila Pitanga, ofereceu inúmeros exemplos de inteligência, sensibilidade, beleza, ética, solidariedade, coragem, trabalho, perspicácia e empreendedorismo. Ao analisar os capítulos de *Gabriela*, Cidinha chama a atenção para a interpretação de Juliana Paes, que confere complexidade à protagonista do romance de Jorge Amado. Além disso, a cronista destaca, ainda, a *desconstrução* do machismo de plantão que impõe um padrão simplório aos afetos: “Houve quem

reclamasse de que o turco comia Gabriela com os olhos, ao invés de comê-la como se devia. Tolinhos! Nacib não é bobo e come Gabriela como ela gosta, não como a testosterona imbecilizada prescreve”.

Outro indicativo louvável de defesa à alteridade se revela no *elogio à divergência*, marca registrada do estilo Cidinha da Silva. *Aconteceu, virou manchete!* Mas, e o que *não* aconteceu virou o quê? A cronista vai à cata do mínimo e do escondido ignorados pela mídia do máximo e do exibido. Em “tempos sombrios de velocidade da informação desacompanhada da qualidade de compreensão”, a autora assim caracteriza a contemporaneidade, sendo esta cada vez mais corrompida pela *mídia frenética*, que apresenta como linha editorial destacar o vulgar e rejeitar o importante. Bússola da opinião pública, a imprensa vem se distanciando cada vez mais deste papel social, ao promover, por conta da *síndrome da novidade*, assuntos e valores supérfluos e irresponsáveis. O filósofo Walter Benjamin, em *Experiência e pobreza* (1933), lamentava com pesar: “ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’”. A promoção de *celebridades vazias* exemplifica o afã midiático de promover modismos como se fossem verdadeiros feitos. Com *desconfiança sábia*, a cronista demonstra como a imprensa não economiza espaço para promover celebridades. Cidinha foi direto ao ponto: “celebridade não é pessoa, é espetáculo ambulante, e quando bom e eficaz, não morre, eterniza-se em *business*”.

Na contramão da cobertura midiática que foi solidária às reclamações da classe patronal diante da PEC das Domésticas, Cidinha da Silva escreveu umas das melhores reflexões já apresentadas sobre o tema em questão. “O giro da roda num país racista sempre emperra nos privilégios da branquitude. A bola da vez é o trabalho doméstico que passa a ter direitos similares aos dos demais trabalhadores apenas no século XXI, e são ainda questionados”, salienta a autora.

Destaca-se também o teor do livro voltado para avaliação criteriosa de condutas pessoais. Por exemplo, sobre o presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro Joaquim Barbosa, Cidinha apresenta parecer sóbrio, na contramão da euforia geral que se construiu em torno da imagem dele:

Vejo-o como um operador de Direito, muitíssimo bem preparado, exercendo com competência, legitimidade e dignidade, o cargo para o qual foi escolhido e para o qual é muito bem remunerado. O mais é nossa sede implacável de ícones negros que, por vias tortas, o transforma em super-herói.

Desvencilhando-se do maniqueísmo que endeusa ou demoniza pessoas, Cidinha da Silva prefere o *nitzscheano* caminho de reconhecer as potencialidades do indivíduo enquanto “humano demasiadamente humano”:

O que mais me anima na figura humana de Joaquim Barbosa é a possibilidade de conviver com uma referência negra que sofre dores domésticas na base da coluna por nunca haver se curvado. É o preço cobrado por não ter-se deixado vitimar pela tergiversação travestida de flexibilidade. Poucos de nós estamos dispostos a pagá-lo.

Agindo assim, Cidinha da Silva se mostra uma exímia retratista da condição humana, enaltecendo sua pluralidade e, assim, desconstruindo uniformidades que embaçam a paisagem social, prejudicando a percepção aguda da natureza multicolor nela existente. Os textos da autora são *reflexões exuísticas* que convocam

autenticamente as origens da palavra *diversidade*, a saber: o diferente, o dessemelhante, o que aparta do caminho, o que distrai; a digressão, em suma: tudo o que diverte, isto é, desencaminha, desvia, diferencia. Ressaltam com qualidade tais sentidos a voz autoral e a multiplicidade temática-argumentativa que sustentam o primor de *Racismo no Brasil e afetos correlatos*. Como sugestão de trilha sonora para melhor saborear a obra em questão, recomenda-se *Eu chego lá*, na voz marcante de João do Vale.

---

\* Marcos Fabrício Lopes da Silva é Doutor em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG. Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/FALE/UFMG). Jornalista, poeta e professor das Faculdades Fortium e JK, no Distrito Federal.